

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação

Isabela Corrêa Borges

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

Belo Horizonte

2023

Isabela Corrêa Borges

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTES DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Ocupação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana de França Drummond

Coorientadora: Prof.^ª Dra, Ana Amélia Cardoso Rodrigues

Belo Horizonte

2023

B732p Borges, Isabela Corrêa
2023 Perspectivas ocupacionais de jovens com transtorno do espectro do autismo
concluintes do ensino médio. [manuscrito] / Isabela Corrêa Borges - 2023.
57 f.: il.

Orientadora: Adriana de França Drummond
Coorientadora: Ana Amélia Cardoso Rodrigues

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 42-45

1. Transtorno do espectro autista - Teses. 2. Ensino médio - Teses. 3. Autismo –
estudo de caso - Teses. I. Drummond, Adriana de França. II. Rodrigues, Ana
Amélia Cardoso III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação
Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 616.89

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Antônio Afonso Pereira Júnior, CRB6: nº 2637
da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade
Federal de Minas Gerais.



FOLHA DE APROVAÇÃO

**Perspectivas ocupacionais de jovens com Transtorno do Espectro Autista
concluintes do Ensino Médio**

ISABELA CORRÊA BORGES

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS DA OCUPAÇÃO, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS DA OCUPAÇÃO, área de concentração OCUPAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E INCLUSÃO.

Aprovada em 13 de novembro de 2023, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Adriana de Franca Drummond - Orientador
UFMG


Prof(a). Ana Amelia Cardoso Rodrigues
UFMG


Prof(a). Rafael Coelho Magalhães
UFMG


Prof(a). Maria Luiza Magalhães Nogueira
UFMG

Belo Horizonte, 13 de novembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, aos meus pais, Maria da Penha e Moisés, à minha irmã, Marcela, meu marido, Pedro Henrique, e à minha amiga Lílian por sempre me apoiarem em todo o processo e serem minha força quando precisei. A jornada foi repleta de desafios e esses só foram possíveis de serem enfrentados com a presença e amparo de vocês.

Queria agradecer também a minha orientadora Prof. Dra. Adriana Drummond e minha coorientadora Prof. Dra. Ana Amélia Cardoso pelo suporte e auxílio em toda a caminhada. Em especial a Prof. Dra. Adriana Drummond que me amparou e incentivou nos momentos de dificuldade e me ajudou a ver luz para os problemas.

Queria agradecer também aos participantes do estudo e seus familiares, pela confiança, atenção e solicitude em participar da pesquisa. Vocês foram de extrema importância tanto para o desenvolvimento deste trabalho, quanto para o meu aprendizado pessoal.

A todos vocês, os meus sinceros agradecimentos. Sem vocês, nada seria possível.

PREFÁCIO

O tema desta pesquisa foi escolhido devido à presença constante de indagações na minha prática profissional. Após minha graduação em terapia ocupacional, trabalhei em clínicas com o público infantil e depois no Núcleo de Apoio à Saúde da Família, na região do Riacho das Pedras, em Contagem e na região do Cabana em Belo Horizonte. Observei que os jovens adultos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e seus familiares procuravam atendimento após o período de escolarização do ensino médio por não saberem lidar e/ou planejar essa nova fase de vida.

Outro ponto que marcou a minha prática profissional foi a aflição apresentada pelos cuidadores e/ou pais dos jovens com TEA sobre como seria a vida desses jovens quando não estivessem mais presentes, relatando que os filhos não foram preparados para o que aconteceria após a escola.

Nas orientações com a Prof. Dra. Adriana Drummond constatamos que existem poucos estudos que abordem as perspectivas ocupacionais dessas pessoas para depois da conclusão do ensino médio, surgindo então o nosso tema de pesquisa.

RESUMO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado pela dificuldade na interação social, pela presença de padrões repetitivos de comportamento e de interesse que afetam a funcionalidade do indivíduo. A literatura apresenta estudos sobre as perspectivas futuras de pessoas com deficiência intelectual, dos cuidadores das pessoas com TEA acerca do seu futuro, das vivências familiares da pessoa com TEA e diversos estudos com o público infantil. No entanto, percebe-se que as perspectivas dos próprios jovens com TEA não são exploradas. Este estudo tem como objetivo conhecer as perspectivas ocupacionais dos jovens com TEA após a conclusão do Ensino Médio. Trata-se de um estudo qualitativo transversal, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa de Seres Humanos (CAAE), na qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco jovens com TEA concluintes ou que concluíram há um ano o ensino médio, com idade entre dezesseis e dezoito anos, sendo três do sexo masculino e dois do feminino, de diferentes cidades da região Sudeste do Brasil, em formato online por meio da plataforma Google Meet®. As entrevistas foram tratadas por meio da análise de conteúdo. Os participantes apresentaram perspectivas ocupacionais de estudo e trabalho semelhantes aos jovens com desenvolvimento neurotípico, almejando ingressar no ensino superior e no trabalho com incertezas acerca das escolhas dos cursos universitários. As perspectivas apresentadas são influenciadas pelas vivências escolares exitosas ou não, pelo apoio familiar e influência materna. Em relação aos relacionamentos amorosos, os jovens demonstraram insegurança e despreparo para habilidades relacionais, vislumbrando para o futuro o início de namoros. O acesso a esses/essas jovens demandou um tempo grande para aproximação com a pesquisadora e foi marcado pela presença das mães como mediadoras para garantir a segurança e conforto dos/das participantes, uma vez que a pesquisadora era uma figura desconhecida aos participantes. Esses dados revelam que os/as estudantes com TEA que conseguem alcançar o ensino médio e, portanto, se encaixam no perfil de menor demanda de suporte, apresentam, cognitivamente, condições de projetar continuidade de estudos e inserção no trabalho, mas apresentam dificuldades relacionais que dificultam ou impedem a entrada em diferentes tipos de relacionamentos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Perspectivas Ocupacionais. Jovens. Ensino Médio.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by difficulty in social interaction, the presence of repetitive patterns of behavior and interest that affect the individual's functionality. The literature presents studies on the future perspectives of people with about intellectual disabilities, caregivers of people with ASD about their future, the family experiences of people with ASD and several studies with children. However, it is clear that the perspectives of youth with ASD themselves are not explored. This study aims to understand the occupational perspectives of youth with ASD after completing high school. This is a cross-sectional qualitative study, approved by the Human Research Ethics Committee, in which semi-structured interviews were carried out with five young people with ASD who were completing or who completed high school a year ago, aged between sixteen and eighteen years old, three males and two females, from different cities in the Southeast region of Brazil, in an online format by the Meet platform. The interviews underwent content analysis. Participants articulated occupational perspectives on study and work akin to young individuals with neurotypical development. Their aspirations included pursuing higher education and entering the workforce, but they expressed uncertainty regarding their choice of university courses. The perspectives presented are influenced by successful or unsuccessful school experiences, family support and maternal influence. In relation to romantic relationships, young people demonstrated insecurity and unpreparedness for relational skills, envisioning the beginning of dating relationships in the future. Access to these young people required a lot of time to approach the researcher and was marked by the presence of mothers as mediators to guarantee the safety and comfort of the participants, since the researcher was an unknown figure to the participants. These data reveal that students with ASD who manage to reach high school and, therefore, fit the profile of lower demand for support, are cognitively able to project continuity of studies and insertion into work, but present relational difficulties that make it difficult or prevent entry into different types of relationships.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Occupational Perspectives. Youth. High school.

SUMÁRIO

1.APRESENTAÇÃO.....	7
2.INTRODUÇÃO	8
3.METODOLOGIA.....	13
3.1 Participantes	13
3.2 Procedimentos e Instrumentos	13
3.3 Análise de dados	15
4.ARTIGO	16
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXO A.....	46
Classificação econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP)	46
ANEXO B	47
APÊNDICE A	50
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	50
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	52
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	54
APÊNDICE D.....	56
ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA.....	56

1. APRESENTAÇÃO

A estrutura da presente dissertação foi desenvolvida em formato de artigo, de acordo com a Resolução 02/2021, que estabelece critérios de defesa da dissertação do curso Pós-graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, seguindo-se a ordem: apresentação, introdução e metodologia expandidas, artigo, considerações finais e referências bibliográficas. O artigo contém: introdução, metodologia, resultados, discussão, considerações finais e referências bibliográficas. A configuração do artigo seguiu as normas de submissão do periódico Revista Educação Especial, baseando-se na ABNT NBR-6023.

2.INTRODUÇÃO

As pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) apresentam déficit na comunicação, na interação social em diversos contextos, bem como padrões repetitivos de comportamento e interesse que afetam a funcionalidade (DSM V, 2014; CID, 2019). Os sintomas do TEA aparecem na primeira infância, mas de acordo com o contexto e as suas demandas de socialização, podem se tornar mais evidentes posteriormente (CID, 2019).

A gravidade do TEA depende do nível de prejuízo que essas alterações funcionais, interação social e comportamentos repetitivos impactam na vida do indivíduo, sendo definida a partir dos níveis de suporte necessários para a realização de uma atividade de vida diária: nível 1, “*exige apoio*”; nível 2, “*exige apoio substancial*” e nível 3, “*exige apoio muito substancial*” (DSM V, 2014). Em 2019, a Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou uma atualização da classificação do TEA, na qual recebe o código 6A02 e apresenta algumas considerações importantes para o diagnóstico definido mediante a adaptabilidade do indivíduo (CID, 2019).

A atualização da CID considera a presença ou não de deficiência intelectual e, caso o diagnóstico identifique limitações das habilidades intelectuais, deve ser classificado com ou sem deficiência intelectual. Outro qualificador é o comprometimento da linguagem funcional, na qual considera-se a linguagem falada e sinalizada, ou seja, a pessoa com TEA deve conseguir expressar suas vontades, desejos, usando linguagem adequada e compreensível. Para isso, classifica-se a linguagem em: “*leve ou nenhum comprometimento da linguagem funcional*”, “*linguagem funcional prejudicada*” e “*ausência completa ou quase completa da linguagem funcional*” (CID, 2019).

O *Center of Diseases Control and Prevention* (CDC/EUA, 2023), estima que 1 a cada 36 crianças com 8 anos de idade tenham TEA. Observa-se uma elevação da prevalência, uma vez que, em 2018, estimava-se 1 a cada 44 crianças.

No Brasil, os estudos de prevalência de TEA são escassos. A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/OMS, 2023) apresenta como estimativa de diagnóstico de TEA em crianças, 1 em cada 160, contudo tal dado deve ser interpretado com muita cautela por não haver comprovação da obtenção das informações (Freire, Nogueira, 2023).

A literatura brasileira sobre a prevalência de TEA é regionalizada. Paula e colaboradores (2011) colheram informações sobre a prevalência de TEA na população de Atibaia/São Paulo e constataram que existem diferenças entre os dados de prevalência de estudos na América Latina, devido às diferenças metodológicas nos estudos, amostras pequenas, falta de conscientização da população e dos profissionais da saúde e da educação. Dessa forma, evidenciou-se nesse estudo que a prevalência pode variar entre 4/10.000 e 6/1.000.

Em 18 de julho de 2019, entrou em vigor a Lei 13.861 que inclui o TEA nos censos demográficos do País. As informações coletadas pelos censos possibilitarão uma mensuração e dados confiáveis para elaboração de políticas e programas direcionados ao público com TEA. Devido ao período da pandemia da COVID-19, as coletas dos censos sofreram atrasos, sendo então colhidos os dados do ano de 2022, e divulgados apenas informações prévias da população, com previsão de divulgação completa entre os anos de 2022 e 2025 (IBGE, 2023).

Em 27 de dezembro de 2012, pela Lei 12.764 instituiu-se a Política Nacional de Proteção de Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que passou a considerar o TEA como uma deficiência. Tal marco possibilitou a aquisição de novas oportunidades, como a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), pela lei 13.977, de 8 de janeiro de 2020, na qual a pessoa com TEA tem prioridade nos atendimentos públicos e privados na saúde, educação e na assistência social.

A Lei 8.213 de 24 de julho de 1991 instituiu, no seu artigo 94, que as empresas que tiverem mais de 100 colaboradores devem preencher entre 2 a 5% de suas vagas com pessoas com deficiência e/ou funcionários que passaram por um processo de reabilitação.

Ao se considerar a pessoa com TEA como pessoa com deficiência, a entrada no mercado de trabalho e no setor educacional é resguardada pela Lei 13.146, de 6 de julho de 2015, que inclui o direito do acesso à educação profissional e tecnológica, à educação de nível superior, cursos, treinamentos e planos de carreira em um ambiente de trabalho.

O Censo Escolar da Educação Básica/Brasil/2022 apresenta dados sobre pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades. Este Censo aponta um aumento gradual no número de matrículas desse público em classes comuns no período de 2018 a 2022, contudo não há uma separação do número

de matrículas referentes a cada deficiência, o que dificulta a interpretação específica dos dados referentes às pessoas com TEA.

No Brasil, a Resolução número 2 do Conselho Nacional de Educação (CNE) da Câmara de Educação Básica (CEB), de 11 de setembro de 2001, determina que todas as escolas brasileiras devem aceitar as matrículas de pessoas com deficiência e estarem preparadas para garantir-lhes um ensino de qualidade. As políticas públicas do Brasil asseguram a entrada e o direito ao acesso das pessoas com TEA ao ensino, mas não há leis, portarias e diretrizes que assegurem a permanência desse público no ensino até os anos finais de escolarização.

Rosa, Matsakura e Squassoni (2019) analisaram quais eram as perspectivas que os pais e cuidadores de jovens com TEA tinham acerca da sua escolarização. Os resultados mostraram uma alta taxa de evasão escolar após o ensino infantil e apenas uma pequena parcela alcançou o ensino superior. Os autores descrevem que a evasão do ensino básico está diretamente ligada às barreiras metodológicas de ensino, na qual os profissionais de ensino não apresentam especialização e conhecimento acerca da aprendizagem da pessoa com TEA e das possíveis adaptações e barreiras atitudinais, como o preconceito. Os pais e cuidadores apontaram como sendo relevantes para a vida dos jovens com TEA o acompanhamento multidisciplinar, o acesso ao lazer e atividades de cunho profissionalizantes (Rosa, Matsakura, Squassoni, 2019).

Segundo Wehman e colaboradores (2014), muitas pessoas com TEA deixam o ensino médio despreparados para a inserção na comunidade, mercado de trabalho e cursos e/ou faculdades. Essas pessoas, muitas vezes, não apresentam autonomia para as atividades diárias e financeiras, tendo como consequência uma lacuna no processo de transição para a vida adulta. Roux e colaboradores (2015) apresentam o termo “*transition planning*”, previsto em lei federal dos Estados Unidos, que exige a criação de um plano individual de preparação para a vida pós-escola para os estudantes com necessidades educacionais especiais que estejam concluindo o ensino médio.

Em Portugal, o termo “*transition planning*” é conhecido como Plano Individual de Transição (PIT) e é previsto na Lei 54 de 2008, no qual exige-se a sua implementação três anos antes do período de escolarização máxima (República Portuguesa, 2018). Em 2020, a Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger (APSA) elaborou um guia de procedimentos para a elaboração de um PIT para alunos com TEA, o qual envolveu a participação dos familiares, da escola, equipes

multidisciplinares, entidade públicas, e dos próprios alunos na construção de possibilidades ocupacionais para o período pós-escolar.

Roux e colaboradores (2015) relatam que, nos Estados Unidos, mais de 40% dos estudantes do ensino médio com TEA e com faixa etária próxima dos 20 anos nunca tiveram atividades de trabalho. Após seis anos de conclusão do ensino médio, esse percentual passa a ser 31%. Esses autores relatam que a mudança da fase da adolescência e a transição para a vida adulta de uma pessoa com TEA é um período de vulnerabilidade, na qual muitas de suas incapacidades, como déficits comunicativos e dificuldades para a inserção social, se mantêm.

Segundo Baldwin e colaboradores (2014) e Waisman-Nitzan e colaboradores (2021), pessoas com TEA apresentam dificuldade na inserção no mercado de trabalho, seja pela competitividade do cenário econômico ou para completar, obedecer a comandos complexos de figuras de autoridade e entendimento de frases subjetivas (Waisman-Nitzan *et al.*, 2021). Entretanto, Waisman-Nitezan e colaboradores (2021) e Black e colaboradores (2019) apontam que as pessoas com TEA podem apresentar características consideradas importantes em um ambiente de trabalho, como sinceridade, cumprimento de regras e atenção, características valorizadas no mercado de trabalho.

O acesso ao mercado de trabalho de pessoas com TEA é expressivamente mais baixo do que os demais indivíduos que apresentam outros transtornos e deficiências (Rast. J. E *et al.*, 2019; Waisman-Nitzan. M *et al.*, 2021; Baldwin. S, *et al.*, 2019; Wehman. P *et al.*, 2014). Rast e colaboradores (2019) apontam que o mercado de trabalho e o estudo em universidades garantem à pessoa com TEA independência e qualidade de vida, sendo a maioria desse público capaz de ingressar nessas atividades.

Weng e Berg (2014) além de relatarem que o número de empregabilidade da pessoa com TEA é menor comparado com as demais deficiências, apontam que a participação em atividades recreativas das crianças com TEA é baixa, o que impacta a construção de habilidades básicas como independência e interação social.

O estudo de caso realizado por Aydos (2016) acompanhou um jovem com TEA durante o projeto de profissionalização do qual participava. A autora conheceu o seu processo de escolarização, as barreiras no seu período escolar, como a dificuldade em socialização com os colegas e inflexibilidade. Os desafios encontrados pelo jovem, durante o curso de profissionalização e no estágio ofertado pela empresa em que fazia parte, foram as barreiras atitudinais da equipe, a qual não entendiam a dificuldade de

socialização do participante e comparavam o seu desempenho com outras pessoas com deficiência. Durante todo o relato do caso, a mãe do jovem demonstrava interesse que esse ingressasse e permanecesse no trabalho, apesar das dificuldades enfrentadas por ele (Aydos, 2016). Diante dessas restrições de acesso ao estudo, trabalho e demais dimensões do cotidiano, quais são as perspectivas ocupacionais de jovens com TEA?

A escolha das ocupações futuras na juventude é marcada por dúvidas, sendo considerada uma fase de transição, na qual o/a adolescente sai de sua fase infantil e entra na vida adulta (Almeida, Pinho, 2008). Essa realidade não é diferente para os/as jovens com TEA.

As ocupações apresentam um significado diferente para cada indivíduo, fazem parte do seu cotidiano em casa, na família e na comunidade (AOTA, 2020). O significado que atribuímos a uma determinada ocupação está diretamente ligado às construções das diferentes histórias de vida que interferem nos sentimentos e nos sentidos dessa ocupação no futuro para o indivíduo (Costa *et al.*, 2017).

As escolhas ocupacionais são moldadas pelas oportunidades e possibilidades que o contexto proporciona ao sujeito, ou seja, as perspectivas ocupacionais de um indivíduo estão susceptíveis ao repertório ocupacional que o ambiente proporciona. Esse repertório envolve escolhas aceitas ou não socialmente aceitas na comunidade em que a pessoa está inserida (Gallagher *et al.* (2015) e Hammel, 2020). As escolhas podem também ser influenciadas de acordo com as capacidades e habilidades desenvolvidas de um sujeito, como no caso das pessoas com deficiência que apresentam limitações funcionais que impactam diretamente em suas vivências e possibilidades ocupacionais (Stein, M.; Stein, P., 2006). Sendo assim, as escolhas estão atreladas ao contexto da pessoa com deficiência e não apenas a uma decisão ou atributo pessoal.

Diante dessa revisão da literatura, observa-se uma lacuna na produção de conhecimento sobre a percepção dos jovens com TEA sobre suas perspectivas ocupacionais. Dessa forma, este estudo objetivou investigar as perspectivas ocupacionais de jovens com TEA após a conclusão do ensino médio.

3.METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo transversal. A pesquisa qualitativa consiste na descrição de um fenômeno na percepção de uma pessoa. É utilizada quando se quer compreender aspectos da vida de um indivíduo que não podem ser quantificados, como atitudes, perspectivas, dentre outras (Augusto *et al.*, 2014). Minayo (2014) acrescenta que a pesquisa qualitativa busca compreender o significado de uma situação do cotidiano. O estudo transversal captura um momento específico, um corte na linha do tempo de uma pessoa (Aragão, 2011).

3.1 Participantes

Os/as participantes foram cinco jovens, com idade entre dezesseis e dezoito anos, sendo três do sexo masculino e dois do sexo feminino, provenientes da região sudeste do Brasil, das cidades de Coronel Fabriciano, Timóteo, Araçuaí (Minas Gerais) e São Paulo (São Paulo).

Os critérios de inclusão dos/das participantes foram: jovens, com idade entre 15 e 24 anos - essa faixa etária é definida pela Organização Mundial de Saúde (2007) como sendo juventude -, do sexo feminino e masculino, com diferentes níveis socioeconômicos, concluintes ou que concluíram há um ano o Ensino Médio em escolas públicas, privadas, federais, estaduais, com diagnóstico de TEA realizado por neurologistas e/ou psiquiatras.

Os critérios de exclusão foram: jovens com TEA que apresentam déficit cognitivo moderado e grave, que não apresentam linguagem verbal e tenham outras deficiências associadas que os/as impeçam de participarem das entrevistas. No total, foram contactados dez jovens, sendo que três não se enquadravam na idade entre 15 e 24 anos e/ou estavam cursando o ensino fundamental; e outros dois iniciaram contato com a pesquisadora, porém não aceitaram participar do estudo.

Cinco jovens permaneceram no estudo, sendo dois por indicação de terapeutas ocupacionais e professores conhecidos da pesquisadora e três por procura espontânea.

3.2 Procedimentos e Instrumentos

Os/as participantes foram contactados por meio de redes sociais como Instagram, WhatsApp, LinkedIn, Pastorais da Pessoa com Deficiência, escolas municipais e e-mails de profissionais e instituições de todo o Brasil que prestam atendimento aos jovens com TEA. Foi realizado a divulgação de um post, convidando

os/as jovens a participarem do estudo, explicitando os critérios de inclusão. Esse post foi divulgado entre grupos de redes sociais de escolas, instituições que atendem o público com TEA e grupos de profissionais como terapeutas ocupacionais, pedagogos, professores, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos e instituições de ensino superior na área da educação e psicologia.

A definição de participação dos jovens se deu após conversas com duração em média de quarenta e cinco dias, envolvendo o esclarecimento de dúvidas, estabelecimento de confiança e de conforto em realizar a entrevista e para três destes, foi necessária conversa e esclarecimento com as mães e a presença dessas durante a entrevista.

Os/as participantes foram identificados neste estudo com nomes fictícios (Patrícia, Matheus, Bruno, Amanda e Carlos) para assegurar o sigilo e proteção das informações.

Para a caracterização socioeconômica/demográfica dos/das jovens entrevistados/as foram utilizados os critérios de classificação econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2021) em ANEXO A. Considerando tais critérios, o/a participante recebe pontuação à medida em que houver presença das variáveis (número de banheiros no domicílio, automóveis, dentre outras), grau de instrução do chefe da família e serviços públicos (água encanada e rua pavimentada). Após marcadas as pontuações em cada tópico, é realizada a somatória classificada de acordo com os cortes descritos nos critérios, sendo eles: 1-A (45-100), 2-B1 (38-44), 3-B2 (29-37), 4-C1 (23-28), 5-C2 (17-22) e 6-DE (0-16). Quanto maior a pontuação, maior a condição socioeconômica da família do participante.

Inicialmente, havia sido definido que as entrevistas seriam realizadas de forma presencial na região metropolitana de Belo Horizonte/Minas Gerais. Entretanto, devido à dificuldade em encontrar participantes que desejassem participar do estudo, identificou-se a necessidade de alterar a região de abrangência do estudo, ampliando assim para todo o Brasil e incluindo a possibilidade da realização das entrevistas em formato online.

Os/as participantes com idade inferior a 18 anos e seus responsáveis legais foram esclarecidos sobre a participação voluntária, o sigilo das informações coletadas, além da possibilidade de desistir de participar do estudo se e quando desejassem. Todos os/as participantes que concordaram em participar do estudo, menores de dezoito anos, assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) e seus

respectivos responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em APÊNDICE B. Já os/as participantes com idade superior a 18 anos assinaram o TCLE (APÊNDICE C).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com roteiro elaborado pela pesquisadora (APÊNDICE D). Os/as participantes optaram por participar da entrevista em formato online, sendo realizadas por meio da plataforma Google Meet, sendo essa a escolhida pelos participantes. A data e o horário foram definidos de acordo com a disponibilidade dos participantes e seus responsáveis legais, após envio do TCLE e TALE assinados.

3.3 Análise de dados

As entrevistas foram analisadas por meio de análise de conteúdo, a qual envolve a categorização de semelhanças e diferenças percebidas no processo investigativo que são relacionadas com as literaturas existentes (Bardin, 2022; Ulla *et al.*, 2017).

Bardin (2022) descreve a realização da análise de conteúdo seguindo três etapas: 1-pré-análise, 2-exploração do material e 3-tratamento do material e interpretação. A pré-análise consiste na elaboração de hipóteses inferidas a partir do material coletado, ou seja, as informações obtidas por meio das entrevistas, que são passíveis de fundamentação teórica.

A exploração do material é a análise das informações em si, o que a pesquisadora consegue identificar através das informações e as inferências presentes a partir das falas dos participantes. Já o tratamento do material e interpretação dos dados coletados é a elaboração dos resultados obtidos na análise, o levantamento das categorias identificadas após a pré-análise e a associação, propriamente dita, dos resultados com a literatura existente.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFMG (COEP/UFMG) e aprovada com número de parecer 5.715.563 e CAAE 61188622.4.0000.5149 em ANEXO B.

4.ARTIGO

Perspectivas ocupacionais de jovens com Transtorno do Espectro do Autismo concluintes do Ensino Médio

Occupational perspectives of High School graduates with Autism Spectrum Disorder

Perspectivas ocupacionais de bachilleres com Trastorno del Espectro Autista

Isabela Corrêa Borges

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Ocupação, pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil
E-mail: isabela.cb95@gmail.com

Ana Amélia Cardoso

Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Ocupação, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil
Email: anaameliato@ufmg.br

Adriana de França Drummond

Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Ocupação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil
Email: drummond@ufmg.br

RESUMO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é marcado por dificuldades na comunicação e interação social que impactam na funcionalidade do indivíduo. Pouco se tem explorado sobre as perspectivas ocupacionais da própria pessoa com TEA acerca de seu futuro. O objetivo deste estudo é compreender as perspectivas ocupacionais dos jovens com TEA concluintes ou que concluíram há um ano o ensino médio. Trata-se de um estudo qualitativo transversal, com cinco jovens participantes, entre 16 e 18 anos, sendo 3 do sexo masculino e 2 do feminino, com nível socioeconômico B e C, de diferentes cidades da região Sudeste do Brasil. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas em formato online tratadas com a análise de conteúdo. O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos. Os/as participantes apresentaram perspectivas ocupacionais de trabalho e estudo semelhantes aos jovens com desenvolvimento neurotípico, na qual aspiram o ingresso no ensino

superior e no mercado de trabalho, marcado por dúvidas em relação aos cursos universitários. Do acesso aos jovens com TEA até a realização das entrevistas, transcorreram-se, em média, 45 dias, sendo necessário a presença da mãe como mediadora para ingresso e ou permanência dos/das participantes na pesquisa. A presença das mães serviu de conforto e segurança para os/as participantes, visto que a pesquisadora era uma figura desconhecida para eles. Em relação aos relacionamentos amorosos, os jovens apresentaram incertezas e despreparo para habilidades relacionais, dificultando a vivência imediata e a projeção de um relacionamento. Os/as estudantes com TEA que conseguem alcançar o ensino médio se encaixam no perfil de menor demanda de suporte, e apresentam, cognitivamente, condições de projetar a continuidade de estudos e inserção no trabalho. No entanto, apresentam dificuldades relacionais que dificultam ou impedem, seja o contato com a pesquisadora ou as experiências amorosas.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Perspectivas Ocupacionais. Jovens. Ensino Médio.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is marked by difficulties in communication and social interaction that impact the individual's functionality. Little has been explored about the occupational perspectives of people with ASD regarding their future. The objective of this study is to understand the occupational perspectives of young people with ASD who have completed or completed high school a year ago. This is a cross-sectional qualitative study, with five young participants, between 16 and 18 years old, 3 males and 2 females, with socioeconomic levels B and C, from different cities in the Southeast region of Brazil. Semi-structured interviews were carried out in an online format treated with content analysis. The study was submitted to and approved by the Human Research Ethics Committee. The participants presented occupational perspectives of work and study similar to young people with neurotypical development, in which they aspire to enter higher education and the job market, marked by doubts regarding university courses. From access to young people with ASD to carrying out the interviews, an average of 45 days passed, requiring the presence of the mother as a mediator for participants to enter and/or remain in the research. The presence of the mothers served as comfort and security for the participants, since the researcher was an unknown figure to them. In relation to romantic relationships, young people were uncertain and unprepared for relational skills, making it difficult to immediately experience and project a relationship. Students with ASD who manage to reach high school fit the profile of lower demand for support and are cognitively able to plan the continuation of studies and insertion into work. However, they present relational difficulties that hinder or impede contact with the researcher or romantic experiences. Keywords: Autism Spectrum Disorder. Occupational Perspectives. Young people. High school.

RESUMEN

El Trastorno del Espectro Autista (TEA) se caracteriza por dificultades en la comunicación y la interacción social que impactan la funcionalidad del individuo. Poco se ha explorado sobre las perspectivas ocupacionales de las personas con TEA respecto a su futuro. El objetivo de este estudio es comprender las perspectivas ocupacionales de jóvenes con TEA que han finalizado o finalizado la educación secundaria hace un año. Se trata de un estudio cualitativo transversal, con cinco participantes jóvenes, entre 16 y 18 años, 3 varones y 2 mujeres, con niveles socioeconómicos B y C, de diferentes ciudades de la región Sudeste de Brasil. Se realizaron entrevistas semiestructuradas en formato online tratadas con análisis de contenido. El estudio fue presentado y aprobado por el Comité de Ética en Investigación en Humanos. Los participantes presentaron perspectivas ocupacionales de trabajo y estudio similares a las de jóvenes con desarrollo neurotípico, en los que aspiran a ingresar a la educación superior y al mercado laboral, marcados por dudas respecto de los cursos universitarios. Desde el acceso a los jóvenes con TEA hasta la realización de las entrevistas transcurrieron en promedio 45 días, requiriéndose la presencia de la madre como mediadora para que los participantes ingresaran y/o permanecieran en la investigación. La presencia de las madres sirvió de consuelo y seguridad para los participantes, ya que el investigador era una figura desconocida para ellos. En relación con las relaciones románticas, los jóvenes se sentían inseguros y no estaban preparados para las habilidades relacionales, lo que dificultaba experimentar y proyectar una relación de inmediato. Los estudiantes con TEA que logran llegar a la secundaria encajan en el perfil de menor demanda de apoyo, y son cognitivamente capaces de planificar la continuación de los estudios y la inserción laboral. Sin embargo, presentan dificultades relacionales que dificultan o impiden el contacto con el investigador o las experiencias románticas.

Palabras clave: Transtorno del espectro autista. Perspectivas ocupacionales. Gente joven. Escuela secundaria.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) se caracteriza por padrões restritos e repetitivos de movimentos e comportamentos, déficits na comunicação e interação social que se iniciam na primeira infância, mas podem ser identificados posteriormente, de acordo com as demandas de socialização (CID, 2019). Os sintomas do TEA afetam a funcionalidade do indivíduo no contexto familiar, escolar, ocupacional, social e nos demais em que estiver inserido (CID, 2019; DSM V, 2014).

Estima-se que, nos Estados Unidos, 1 a cada 36 crianças com oito anos foram diagnosticadas com TEA, mostrando um aumento na prevalência dessa

condição de saúde, uma vez que em 2018, o número estimado era 1 a cada 44 crianças (CDC, 2023).

As pesquisas brasileiras de prevalência de TEA são regionalizadas, o que dificulta a generalização dos dados; por isso, as estimativas da OPAS/OMS (2023) de que 1 em cada 160 crianças possuem diagnóstico de TEA são utilizadas em pesquisas no País (Freitas, Nogueira, 2023).

No Brasil existem políticas públicas que obrigam escolas a ofertarem ensinamentos inclusivos adaptados às pessoas com deficiência. A Lei nº 13.146, de julho de 2015, prevê educação inclusiva em escolas ao longo da vida da pessoa com deficiência; entretanto, para assegurar o acesso desse público às instituições de ensino superior e mercado de trabalho, deve-se compreender o que os jovens com TEA pensam e almejam sobre o seu futuro.

A literatura brasileira apresenta estudos sobre as perspectivas dos pais e cuidadores das pessoas com TEA sobre a sua escolarização. No estudo de Rosa, Matsakura e Squassoni (2019), participaram 67 familiares de diferentes regiões do Brasil. A maioria das pessoas com TEA concluíram apenas o ensino infantil e poucos chegaram ao ensino superior. Os participantes relataram dificuldades na permanência dos jovens com TEA na escola devido ao preconceito e despreparo da equipe de ensino. Os pesquisadores também acrescentam que os familiares apresentam, como demanda para a vida adulta dos jovens com TEA, acompanhamento com a equipe multidisciplinar, atividades profissionalizantes e atividades de lazer (Rosa, Matsakura, Squassoni, 2019).

Olivati e Leite (2019) entrevistaram um grupo de jovens universitários com TEA sobre as suas experiências acadêmicas. As experiências no ensino básico foram marcadas por notas boas, dificuldades na interação social e de manter-se concentrado e presença de *bullying*. Nas universidades esses jovens enfrentaram o despreparo dos professores e barreiras atitudinais por parte destes, além de falta de informações acerca do TEA pelos funcionários (Olivati, Leite, 2019).

Já no mercado de trabalho, as pessoas com TEA apresentam dificuldades na sua inserção e manutenção decorrentes da competitividade do mercado de trabalho, da dificuldade em socialização e do atendimento a comandos hierárquicos (Waisman-Nitzan, Gal, Schreuer, 2021; Baldwin,

Costley, Warren, 2014). No Distrito de Minnesota, por exemplo, a procura por mão-de-obra especializada com formação no ensino superior está alta, o que dificulta o acesso das pessoas com TEA ao trabalho (Rast, Roux, Shattuck, 2019).

A literatura da área apresenta pesquisas clínicas sobre crianças, sobre o desempenho escolar de universitários com TEA e no mercado de trabalho, contudo, não foi encontrado nenhum estudo que investigasse as perspectivas ocupacionais que os próprios jovens com TEA têm acerca do seu futuro.

Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo compreender as perspectivas ocupacionais de jovens brasileiros com Transtorno do Espectro do Autismo concluintes ou que concluíram recentemente o ensino médio.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo transversal que foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFMG (COEP/UFMG- com número de parecer 5.715.563 e CAAE 61188622.4.0000.5149).

Participantes

Participaram da pesquisa cinco jovens com diagnóstico de TEA, com idade entre dezesseis e dezoito anos que concluíram há um ano o Ensino Médio ou que estavam em processo de conclusão. Dentre os cinco participantes, três são do sexo masculino e dois do sexo feminino, de diferentes cidades da região Sudeste do Brasil, que cursam ou cursaram o ensino médio em escolas públicas estaduais e federais.

Os critérios de inclusão foram jovens com diagnóstico de TEA, com idade entre quinze e vinte e quatro anos, faixa etária considerada como juventude pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2007), que estivessem concluindo ou que concluíram recentemente o ensino médio. Os critérios de exclusão foram possuir déficit cognitivo moderado a grave, e comunicação não verbal que dificultasse ou impossibilitasse a participação nas entrevistas. Três dos participantes tiveram como condição de aceite de sua participação na pesquisa, a presença da sua mãe, sendo que essa atuou como mediadora no

processo de contactar e aproximar os/as participantes da pesquisadora. O tempo de aproximação de cada jovem com a pesquisadora, durou em média quarenta e cinco dias.

Os participantes receberam nomes fictícios para manter o sigilo e proteção dos dados fornecidos na entrevista, sendo assim chamados de Patrícia, Matheus, Bruno, Amanda e Carlos.

Procedimentos e Instrumentos

A divulgação da pesquisa se deu por meio de post nas redes sociais Instagram, WhatsApp, LinkedIn, Pastorais da Pessoa com Deficiência, escolas municipais da região do Vale do Aço e e-mails de profissionais e instituições de todo o Brasil que prestam atendimento aos jovens com TEA.

Os/as participantes maiores de dezoito anos que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os/as participantes com idade inferior a dezoito anos assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e os seus responsáveis legais assinaram o TCLE.

Para a realização da pesquisa foi elaborado um roteiro semiestruturado para entrevistas com os/as participantes. O roteiro abordou questões relacionadas a identidade de gênero, idade, tipo de escola que estudaram (estadual, municipal, privada e federal), se fizeram e/ou fazem acompanhamento com algum profissional, percurso escolar e sobre as perspectivas ocupacionais. As entrevistas foram realizadas em formato online, sendo esse o preferido pelos/pelas participantes, por meio da Plataforma Google Meet®, com agendamento de acordo com a disponibilidade dos/das participantes. As entrevistas duraram em média vinte minutos e foram realizadas pela primeira autora (I.C.B.), terapeuta ocupacional.

A caracterização socioeconômica/demográfica dos/das jovens entrevistados foi realizada por meio dos critérios de classificação econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2021). Considerando tais critérios, o participante recebe pontuação à medida em que houver presença das variáveis (como número de banheiro, automóveis, dentre outros), grau de instrução do chefe da família e serviços públicos (água encanada e rua pavimentada). Após marcadas as pontuações em cada tópico, é realizada a

somatória classificada de acordo com os cortes descritos nos critérios, sendo eles: 1-A (45-100), 2 B1 (38-44), 3-B2 (29-37), 4-C1 (23-28), 5-C2 (17-22) e 6-DE (0-16). Quanto maior a pontuação, maior a condição socioeconômica da família do participante.

Análise dos Dados

Os dados produzidos a partir das entrevistas foram analisados por meio de análise de conteúdo. A análise de conteúdo é o estudo da comunicação e categorização de semelhanças e diferenças percebidas no processo investigativo que são analisadas com as literaturas existentes (Bardin, 2022; Ulla *et al.*, 2017). Essa análise possibilita uma melhor compreensão dos significados atribuídos por um indivíduo a situações do seu cotidiano (Minayo, 2014). A realização da análise das informações coletadas nas entrevistas foi feita por meio de seleção e agrupamento de informações que se fizeram presentes nas entrevistas, permitindo a identificação das seguintes categorias: as dificuldades de aceite do estudo, os sentidos da presença das mães nas entrevistas; o estudo e o trabalho como perspectivas ocupacionais; o adiamento das relações amorosas.

RESULTADOS

Descrição dos/das participantes

Tabela 1-Perfil dos Participantes

	IDADE	CIDADE	CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA	MÃE PARTICIPOU DA ENTREVISTA	IDADE EM QUE RECEBEU O DIAGNÓSTICO	ESCOLARIDADE	COMORBIDADE	ACOMPANHAMENTO PROFISSIONAL
Patrícia	16	Timóteo/MG	C1	Sim	13 anos	Curso Técnico em Química no Ensino Médio do Centro Federal de Educação Tecnológica.	Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC)	Psicóloga e fisioterapeuta
Matheus	17	São Paulo/SP	C1	Sim	13 anos	Terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Albino César.	Ansiedade	Psicóloga e psicopedagoga
Bruno	16	Governador Valadares/MG	B1	Sim, até que o participante se sentisse confortável	Diagnóstico feito com 3 anos e meio, mas soube aos 11 anos.	Segundo ano na Escola Estadual Paulo Freire.	Sem relatos	Sociopsicomotricista e psiquiatra. Já fez acompanhamento com fonoaudióloga e terapeuta ocupacional

Amanda	18	Araçuaí/MG	B1	Sim, durante a realização da ABEP	3 anos e meio.	Cursando Engenharia no Instituto Federal de Educação e Ciência Tecnologia do Norte de Minas Gerais.	Sem relatos	Professores de apoio
Carlos	18	Timóteo/MG	B2	Não	Diagnóstico feito aos 5 anos, mas soube aos 12 anos.	Cursou o Ensino Médio na Escola Estadual Paulino Cota Pacheco, trabalha em uma lanchonete de franquia.	Ansiedade e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade.	Psiquiatra. Fez acompanhamento com psicólogo por 9 anos.

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir da análise das entrevistas emergiram duas categorias centrais, sendo estas: (1) as dificuldades de aceite em participar do estudo e a presença das mães nas entrevistas, (2) perspectivas ocupacionais: estudo, trabalho e adiamento das relações amorosas.

As dificuldades de aceite em participar do estudo e a presença das mães nas entrevistas

O processo de seleção dos/das participantes do estudo apresentou alguns desafios. Desde a divulgação para o público da pesquisa à conversa inicial com a pesquisadora, os/as participantes se mostraram inseguros, sendo realizado o contato durante um período médio de quarenta e cinco dias até que se mostrassem mais confiantes e aceitassem participar da pesquisa. A pesquisa foi divulgada por posts em redes sociais, e-mails de profissionais e instituições que atendem jovens com TEA, Pastorais das Pessoas com Deficiência e escolas municipais, estaduais e federais. Os meios de divulgação que trouxeram três participantes foram as escolas municipais e as redes sociais e dois foram por indicação de terapeutas ocupacionais e professores conhecidos da pesquisadora.

Inicialmente, a proposta de realização das entrevistas seria presencial, mas devido à dificuldade em recrutamento dos/das participantes, localização desses e preferência, foi optado pela realização das entrevistas em formato online.

Ao início do recrutamento, foram contactados dez jovens, desse número dois apresentavam idade inferior à estipulada pela pesquisa, um havia concluído o ensino médio há mais de dois anos e uma parou de responder a pesquisadora, sendo considerada como não aceite.

Devido às dificuldades de acesso a esses jovens, não foi possível selecioná-los por nível socioeconômico, sendo então considerados para a pesquisa todos os cinco jovens que se enquadravam nos critérios de inclusão e que aceitaram participar do estudo.

Nas cinco entrevistas realizadas, houve a presença da mãe, seja para ganho de confiança e aceitação da realização da entrevista por parte dos participantes ou para acionamento quando o/a participante não sabia responder perguntas do questionário da ABEP e informações sobre o diagnóstico de TEA.

Para alguns participantes como Patrícia, Matheus e Bruno, o aceite da participação na pesquisa estava condicionado à presença das mães durante a realização das entrevistas. No caso do Matheus, a mãe foi mediadora entre o jovem e a pesquisadora, até que Matheus se sentisse confortável em conversar diretamente com a pesquisadora.

Patrícia só aceitou participar da entrevista com a presença da mãe e pediu para que a mãe respondesse à ABEP, nos demais momentos da entrevista a mãe se manteve calada, permitindo que a participante respondesse às perguntas sem interferir.

Na entrevista com Carlos, a mãe foi acionada para esclarecimentos do próprio participante acerca da idade em que recebeu o diagnóstico. “*Ô mãe*” (Carlos), “*Oi?*” (mãe), “*Que idade eu recebi o diagnóstico? Foi aos cinco?*” (Carlos) “*Unhum*” (mãe). No momento em que o participante solicitou ajuda à mãe, esse se retirou de seu quarto, foi ao encontro da mãe, esclareceu as suas dúvidas e retornou sozinho para a entrevista.

Bruno solicitou que a mãe participasse da entrevista para que se sentisse mais seguro, porém ao entrar em questões sobre as perspectivas ocupacionais solicitou a saída da mãe do seu quarto. “*Eu.....to pensando.....mãe eu sei que você precisa sair, pode sair*” (Bruno), “*Ele quer que eu saia, vou deixar então. Tá bom?*” (mãe).

Matheus se sentiu mais confortável em realizar a entrevista com a presença da mãe, essa o interrompeu durante a aplicação do questionário ABEP, refazendo e explicando-lhe as perguntas. “*Tem geladeira na sua casa?*” (pesquisadora). “*Não*” (Matheus). A mãe interrompe e questiona a Matheus se não tem geladeira na casa. Em outro momento, a mãe explica à Matheus que o chefe da família é quem cuida da parte financeira da casa.

Na entrevista com Amanda, houve várias interrupções durante a aplicação do questionário da ABEP para retirar dúvidas com a mãe, até que, finalmente, essa aparece em seu quarto para ajudá-la a responder. “*Algumas coisas eu pergunto à minha mãe porque eu não sei como responder*”. Em diversos momentos, a mãe direcionou a pergunta para que a Amanda respondesse “*Tem, Amanda?*” (mãe). Após o término do questionário da ABEP, a mãe se retira do quarto da participante. Ao se deparar com as perguntas sobre o diagnóstico, Amanda retorna à mãe, realiza

as perguntas e volta sozinha ao quarto. *“Ixm, eu vou, eu posso perguntar à minha mãe, um minuto éh”* (Amanda).

Durante a entrevista com Amanda, observa-se um atravessamento da mãe no momento da escolha do curso na faculdade que a participante deseja cursar, na qual a participante relata que a mãe acha melhor que ela faça Medicina e que não troque de curso até que o processo de ingresso na faculdade esteja definido.

Na entrevista com Bruno, observa-se o atravessamento materno na construção se o jovem deve ou não trabalhar durante o Ensino Médio, prevalecendo assim a definição da mãe de que Bruno irá trabalhar após a conclusão do Ensino Médio e início dos estudos na faculdade.

Nas cinco entrevistas é possível observar a presença materna, seja para esclarecimento de dúvidas dos/das participantes quanto para propiciar segurança, sendo esse um dado relevante para a pesquisa.

Perspectivas ocupacionais: estudo, trabalho e adiamento das relações amorosas

Os cinco participantes demonstraram interesse na continuação dos estudos por meio do ingresso em uma faculdade. Observam-se dúvidas em relação às áreas e cursos que desejam seguir. No entanto, a definição pelo estudo como perspectiva ocupacional não necessariamente exclui o trabalho e vice-versa. Dos cinco participantes da pesquisa, quatro relataram dificuldades durante o ensino médio. Dentre as dificuldades mencionadas apareceram: dificuldade em socialização com colegas e professores, de acompanhar o conteúdo das matérias lecionadas e a didática do professor. Patrícia, ao ser perguntada sobre o que pensou em fazer quando finalizasse o ensino médio, respondeu que deseja cursar Medicina. Matheus apresentou dúvidas a respeito dos seus desejos de ingresso na faculdade, respondendo da seguinte forma *“Sim, penso em fazer faculdade. Biologia. Biologia ou Zoologia ou Design de Personagens e Animação”* (Matheus).

Amanda, que já finalizou o Ensino Médio, respondeu

“ECT, éh no caminho da Engenharia Civil. Éh, éh muito difícil, mas a minha mãe acha que eu sou boa em Medicina. Éh, euuu tô com vontade de fazer Medicina porque eu sou, beeem, eu acho que eu sou boa em cuidar das pessoas” (Amanda, 18 anos).

A inserção no trabalho, seja como projeção ou como realidade já vivenciada pelos participantes, aparece nas entrevistas de Carlos e Bruno. Carlos já finalizou o

Ensino Médio e atualmente se encontra em uma trajetória de trabalho. Atua em uma lanchonete de franquia, porém relata dificuldade em se manter em seu trabalho devido à necessidade de interação com as pessoas e o cheiro de bacon que lhe causa desconforto, desejando assim sair do emprego. Durante a entrevista, Carlos relatou que deseja sair do atual emprego e fazer faculdade e demonstrou em sua fala algumas dificuldades que prevê para a realização desse plano.

“Tipo, mas, o que tá mais alcançável, seria fazer faculdade, masssss, éeeh, tem que ver por que eu tenho que fazer Enem e tem matemática e eu não aprendo matemática desde o sexto ano, eu não sei como eu passei no sexto ano” (Carlos, 18 anos).

Quando perguntado sobre o curso que deseja fazer, ele respondeu *“Biologia”* (Carlos).

Bruno também demonstra interesse em trabalhar enquanto cursa a faculdade:

“Sim, com certeza, aí não fico a toa em casa. Aí eu..tipo assim...eu trabalho de manhã...é, eu tô pensando, de noite. Nossa incrível, eu já tenho até planejamento JESUS!....Eu tô querendo fazer ..tô tentando ver se eu faço é Engenharia, Arquitetura ou Educação Física” (Bruno, 16 anos).

Bruno relata o desejo de trabalhar, porém após o Ensino Médio, enquanto estiver cursando a faculdade. Durante a entrevista, o participante apresentou a seguinte fala

“Euuu...eu tô pensando em ...fazer,,,trabalhar...em caixa de supermercado pra juntar dinheiro, alguma coisa assim, ou então trabalhar em é...vendendo passagem. É porque os meus amigos estão trabalhando sabe? Aí eu vejo que é bacana, um emprego de minoria...um emprego de iniciante, alguma coisa” (Bruno, 16 anos).

Quando perguntado se estava procurando emprego, esse respondeu *“Não, eu já falava com a minha mãe, mas era da boca pra fora sabe? Eu falava tipo assim...é.. Ah, vou querer trabalhar, “IH Bruno, você não vai poder viajar com a gente não”.*

Os participantes Patrícia, Matheus e Amanda relataram que desejam inserção no trabalho após a conclusão da profissionalização no ensino superior.

Ao serem perguntados sobre relacionamentos amorosos, os/as participantes se mostraram desconfortáveis, e em muitos momentos com falas pausadas, demonstrando pensativos sobre as perguntas.

Nenhum deles estava em um relacionamento até o momento da entrevista. Todos relatam dificuldades no relacionamento social. Patrícia respondeu *“Eu não sei, para falar a verdade, é uma parte tão difícil para mim, entendeu?”.* Matheus

respondeu “*Siiiiim, tenho só que aí eu tenho que começar a namorar e tudo mais, só que eu não fiz nada para isso, mas eu ééh, eu as vezes penso em ser pai*”.

Quando perguntado ao Matheus, se esse tem o costume de sair, o jovem respondeu “*Não, mas, eu só saio quando preciso e não quando quero*”. Já Bruno, ao ser perguntado se tem vontade de namorar, respondeu:

“Sim. Eu até percebo que tem uma garota lá na escola que me trata de um jeito diferente, sabe? Mas eu não posso chegar muito na confusão não, porque senão eu posso acabar tropeçando, no sentido assim, aí a pessoa pode acabar não querendo mais conversar comigo...me achar grosso, ou ia falar uma coisa e ficar muito assustado” (Bruno, 16 anos).

Amanda, ao ser perguntada, respondeu: “*Neeem, eu ainda não dou conta. Éh, mas quando eu chegar numa idade suficiente, quando eu chegar nos 19, 20 anos*”. Já Carlos respondeu “*Assim, casar talvez, mas ter filhos não*”.

DISCUSSÃO

Para analisarmos o número reduzido de participantes da pesquisa e as dificuldades de acesso a esse público, deve-se considerar o número de pessoas com TEA que estão inseridas no ensino médio.

Lima e La Plane (2016) analisaram a trajetória escolar de pessoas com TEA do município de Atibaia (SP) entre os anos de 2009 e 2012. Eles identificaram alta evasão escolar desse público nas séries finais do ensino básico, apontando para dificuldades na escolarização como baixo apoio educacional para o aluno com TEA e insegurança dos pais diante de mudanças nas etapas escolares dos filhos. Talarico e Silva (2016) realizaram a mesma análise no município de Campinas e também identificaram trajetórias educacionais incompletas, evidenciando uma dificuldade dos jovens com TEA em se manterem no processo de escolarização. Santos e Elias (2018) confirmaram, em seu estudo documental, a alta taxa de evasão escolar nas séries finais do ensino básico.

Chiote (2017) constatou que o nível de compreensão e o avanço no ensino médio pelos alunos da rede estadual do Espírito Santo depende diretamente do conhecimento absorvido por este indivíduo em sua trajetória no ensino fundamental, seja de cunho cultural e dos próprios conhecimentos escolares.

Rosa, Matsukura e Squassoni (2019) entrevistaram sessenta e sete familiares e/ou cuidadores de pessoas com TEA acerca da escolarização desse

público. Os resultados obtidos apontam que apenas 27,12% estavam inseridos em escolas regulares de ensino, sendo que a maioria concluiu apenas o ensino infantil e do total de sessenta e sete participantes, apenas treze chegaram ao ensino superior.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2023) divulgou o resultado do Censo Escolar da Educação Básica/2022 com pessoas com transtorno global do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, mostrando que no ano de 2022, 204.233 pessoas com deficiência, altas habilidades/superdotação foram matriculadas no ensino médio. Os dados computados pelo INEP englobam várias categorias de deficiência, dificultando a análise de forma isolada do contexto de jovens com TEA.

De acordo com o exposto na literatura, nota-se que a inserção e permanência de jovens com TEA nas séries finais do ensino regular básico sofrem diversas influências de seu contexto, podendo estar associada à dificuldade de acesso a esse público durante a pesquisa. Levy e Perry (2011) acrescentam em seu estudo que os desfechos de evolução do prognóstico social na vida adulta da pessoa com TEA dependem do nível de necessidade de suporte dos indivíduos, das habilidades cognitivas, linguagem, comorbidades e se fazem alguma terapia ou se estão inseridas em serviços de atendimentos especializados.

A permanência nos anos finais do ensino básico para as pessoas com TEA vem sendo pouco discutida nas políticas. Apesar da Lei 13.146 que garante o direito e o acesso à educação e da Portaria 243 de abril de 2016, que estabelece critérios de avaliação das instituições de ensino que atendem às pessoas com deficiência, não há indicações em como promover continuidade desse público nas redes de ensino.

Aguilar e Rauli (2020) mostraram que a dificuldade na permanência das pessoas com TEA também no ensino médio é marcada por despreparo dos professores e profissionais do núcleo de apoio à inclusão, dificuldade em comunicação com os colegas de faculdade, sobrecargas sensoriais e dificuldades provenientes da própria condição do TEA, como repetições e comportamentos inadequados (Aguilar, Rauli, 2020).

O acesso ao público da pesquisa, visto a literatura existente, pode ter sofrido impacto da redução do número de pessoas com TEA que chegam ao ensino médio, sendo que demandam menores níveis de suporte, se encaixando nos níveis 1 (exige

apoio) e 2 (exige apoio substancial). Ou seja, entende-se que os jovens com TEA com demanda de suporte nível 3 (exige apoio muito substancial) não alcançam o ensino médio.

Lemos e Salomão (2022) estudaram as vivências das pessoas com TEA, de suas mães e de seus irmãos. Participaram 12 mães, 15 irmãos e apenas 2 pessoas com TEA com nível de suporte 1. O número reduzido de participantes com TEA ocorreu devido apenas esses apresentarem linguagem verbal e boa compreensão das perguntas realizadas pelos autores.

A presença das mães nas entrevistas foi um ponto forte observado neste estudo, seja como mediadora das conversas entre os/as participantes com a pesquisadora no momento da abordagem para participação da pesquisa ou como suporte para esclarecer dúvidas e propiciar segurança para seus filhos/filhas. Nunes (2021) aponta que as crianças e adolescentes veem os seus cuidadores como uma base de segurança, na qual se sentem inseguros para explorar o mundo sem a presença desses. A ausência de seus cuidadores pode gerar um sentimento de ameaça para esses jovens, fazendo com que busquem uma nova figura de apoio (Nunes, 2021). Esses dados podem elucidar a necessidade por parte dos/das participantes da presença das mães nas entrevistas e até mesmo o tempo de conversa com a pesquisadora para o aceite de sua participação. Ressalta-se também a presença da mãe como a figura de suporte, reafirmando o entrelaçamento de gênero e cuidado, no qual cabe às mulheres a função de cuidar de filhos e sobretudo, de acompanhamento específico do cotidiano de pessoas com deficiências ou outras condições de saúde (Lemos, Salomão, 2022).

Lemos e Salomão (2022) salientam a sobrecarga das mães em lidar com atividades profissionais, de casa e da família, redução das atividades de lazer, preconceito e exclusão da pessoa com TEA na comunidade.

Ainda na perspectiva relacional, ao serem abordados sobre os relacionamentos amorosos, os/as participantes mostraram dificuldade em lidar com pares pela própria condição do TEA que traz a dificuldade na interação social. Os/as participantes da pesquisa demonstram insegurança e consideram não estarem prontos para iniciarem um relacionamento, nem mesmo para sair para conhecer alguém.

O contato com o outro pode causar sobrecarga sensorial nas pessoas com TEA, desconfortos em não saber o que fazer, como agir, aonde ir para buscar um parceiro amoroso, dificuldades na tomada de decisões, comportamentos e interesses restritos e a desregulação emocional (Malerba, 2020, Mello, 2019). Mello (2019) acrescenta que a dificuldade em lidar com as próprias emoções muitas vezes leva a pessoa com TEA a não desejar um relacionamento amoroso e pensar em casamento.

Mello (2019) analisou três autorrelatos de autores com TEA sobre as suas relações com seus pares e com a sexualidade. A autora identificou que houve um suporte no processo de tratamento das pessoas com TEA por parte dos familiares e respeito dos pais mediante as diferenças entre os seus filhos, o que permitiu que essas pessoas atribuíssem significados diferentes à sua sexualidade, resignificando a relação sexual e preferências pelo prazer. A sexualidade pode ser sentida de maneiras diferentes para cada indivíduo (Mello, 2019).

Malerba (2020) e Saad, Bastos e Souza (2020) apontam que os familiares, pais e cuidadores da pessoa com TEA apresentam uma fala que não condiz com a realidade acerca das vontades e desejos desses jovens. Saad, Bastos e Souza (2020) relatam uma negação da realidade e infantilização por parte dos pais quando se diz respeito a falarem se os seus filhos têm interesse ou não em um relacionamento amoroso. Strunz (2016) mostrou que há muitas pessoas com TEA que relatam vontade de ingressar em um relacionamento amoroso.

A maioria das publicações relacionadas ao TEA são voltadas ao público infantil, com intervenções clínicas multiprofissionais individualizadas para habilidades de vida diária, com foco na independência e autonomia. As habilidades sociais recebem pouca atenção nas intervenções, sendo pouco desenvolvidas pelas pessoas com TEA, afetando tanto o relacionamento familiar, quanto um relacionamento afetivo com pares (Saad, Bastos, Souza, 2020).

Já em relação aos estudos, Silva, Pelissari e Steimbach (2013) afirmam que a relação que o jovem estabelece com a escola influencia o desejo do indivíduo de continuar com os estudos. Os cinco participantes da pesquisa relataram interesse de ingresso no ensino superior após a conclusão do Ensino Médio. Dos cinco participantes, quatro relataram dificuldades no ensino básico, seja por socialização ou compreensão das matérias explicadas em sala de aula. Os participantes da

pesquisa apontaram, em diversos momentos, os atravessamentos familiares, tanto na escolha de se inserir em um ambiente de trabalho quanto na escolha do que cursar no Ensino Superior.

Teixeira e Castro (2023) identificaram em seu estudo realizado com egressos com TEA do Ensino Superior da cidade de Porto Velho, que a escolha do que cursar no Ensino Superior surge a partir de um atravessamento familiar, na qual a família apresenta grande influência na vida dos jovens. Asbarh (2011) acrescenta que as relações de afetividade também podem influenciar nas escolhas profissionais de um jovem

Santos (2005) aponta que:

“Muitos fatores influem na escolha de uma profissão, de características individuais a convicções políticas e religiosas, valores e crenças, situação político-econômica do país, a família e os pares.” (Santos, p. 58, 2005)

Sabe-se que a fase de transição da adolescência para a vida adulta é marcada por incertezas e dúvidas (Almeida, Pinho, 2008; Oliveira, Pinto, Souza, 2003). Essas dúvidas também existem para os jovens com TEA. As ocupações são influenciadas pelo meio em que a pessoa está inserida, ou seja, sofre influência familiar, escolar e da comunidade. As escolhas ocupacionais são realizadas por meio das vivências, histórias, cultura e valores presentes em cada indivíduo (AOTA, 2020; Costa *et al.*, 2017; Martins, Trindade, Almeida, 2003). Essas escolhas são influenciadas pelas habilidades adquiridas pelos indivíduos e suas capacidades. Para as pessoas com deficiência, as suas escolhas são também moldadas pelas inabilidades e alterações funcionais de suas próprias condições de saúde (Stein, M.; Stein, P., 2006).

Hammel (2020) identifica que as escolhas das pessoas estão pautadas em seus repertórios sociais, diante do que os diferentes contextos lhes permitem escolher. Assim, as ocupações mencionadas pelos participantes são escolhas de suas vivências, experiências e influências de seus contextos. A dúvida do que cursar, quando cursar e onde cursar é condizente com a fase da juventude, na qual as evidências da literatura apontam que é marcada pelo novo, pela construção de sua identidade e vínculos sociais, o que não se distancia dos jovens com desenvolvimento neurotípico.

Segundo Almeida (2014), o período de transição da adolescência para a vida adulta é compreendido como o processo de saída da formação do ensino básico à

aquisição de um emprego, ou seja, engloba o processo de conclusão do período escolar, o estudo com foco na profissionalização da pessoa e por fim, a inserção em um ambiente de trabalho. A autora acrescenta que a inserção profissional é um período marcado pela socialização e construção da identidade do indivíduo.

“Este é um momento de confronto entre as fantasias e identificações da infância e as exigências reais, seja de uma profissão, seja do mundo adulto. Sendo assim, o adolescente que escolhe encontra-se numa fase de transição, de mudanças, de adaptação e de ajustamento, quando deixa para trás o mundo infantil para entrar na vida adulta.” (Almeida, Pinho, p. 177, 2008)

Talarico, Pereira e Goyos (2019) afirmam que o trabalho na vida da pessoa com TEA está associado a uma melhor qualidade de vida, mas para que a inserção no mercado de trabalho seja efetiva, é necessária a construção de uma cultura inclusiva e a adequação das empresas de modo que estas estejam preparadas para ofertarem um suporte adequado às pessoas com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa iniciou-se com a dificuldade de acesso aos possíveis participantes do estudo, na qual foi necessário um tempo médio de contato de quarenta e cinco dias, tendo a mediação da mãe.

O extenso tempo para aceitação de participação da pesquisa pode ter relação com o medo do novo e de iniciar um diálogo com uma pessoa desconhecida, sendo necessário um mediador, que fosse um conhecido e que demonstrasse segurança para que o participante se engajasse na pesquisa.

A utilização de entrevista semi-estruturada pode ter causado um desconforto aos participantes, visto que assenta-se em uma perspectiva relacional, indo de encontro com as dificuldades de interações que as pessoas com TEA vivenciam. Talvez uma metodologia com questionários fechados, auto aplicados e enviados por meio de formulários online, poderia acessar um maior número de participantes. O pequeno número de participantes também se relaciona com o número reduzido de pessoas com TEA que alcançam os anos finais do ensino básico, ocorrendo uma alta evasão escolar desse público após o ensino infantil.

A pesquisa revelou que os jovens estudantes com TEA que alcançam os anos finais do ensino médio apresentam uma menor demanda de suporte e condições de

projetar a continuidade dos estudos e inserção no mercado de trabalho. Já na perspectiva relacional, os/as participantes apresentam dificuldades que, por vezes, impedem a entrada em diferentes tipos de relacionamentos, inclusive na própria pesquisa. Ao analisarmos as perspectivas ocupacionais dos jovens com TEA, compreendemos que não há diferenças em relação ao estudo e trabalho com jovens com desenvolvimento neurotípico. O processo de transição dos jovens com TEA é marcado por dúvidas e incertezas, o que não se diferencia dos demais jovens. As perspectivas apresentadas são influenciadas pelas vivências escolares exitosas ou não, pelo apoio familiar e influência materna.

Este estudo reforça a necessidade de investimento escolar e clínico nas habilidades sociais e relacionais dos/das jovens com TEA, além do período da infância e da adolescência, em que normalmente essas pessoas passam por intervenção de diferentes profissionais.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, C. P. C.; RAULI, P. F. Desafios da inclusão: a invisibilidade das pessoas com Transtorno do Espectro Autista no ensino superior. **Revista Educação Especial**. v. 33, 2020. DOI: 10.5902/1984686X44082

ALMEIDA, M. S. A transição da escola para o mundo do trabalho constituída em objecto de estudo: uma abordagem teórico-metodológica. **Cadernos CEDES**. v. 34, n. 94, p. 385-400, 2014.

ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**. v.15, n.2, p.173-184, 2008.

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. (2020). Occupational therapy practice framework: Domain and process (4th ed.). **American Journal of Occupational Therapy**, 74(Suppl. 2), 7412410010. <https://doi.org/10.5014/ajot.2020.74S2001>

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASBAHR, F. S. F. Por que aprender isso, professora? Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo, 2011. 220f. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-24032011-094830/publico/teseFlaviaAsbahr.pdf>.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. São Paulo: ABEP, 2021. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. Disponível em: <https://www.abep.org/criterio-brasil>

BALDWIN, S.; COSTLEY, D.; WARREN, A. Employment activities and experiences of adults with high-functioning autism and Asperger's Disorder. **Journal Autism and Developmental Disorders**. 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 5ed, 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2022: Resumo Técnico**. Brasília, 2023.

BRASIL. Lei nº13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**. 194º da Independência e 127º da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria 243, de 15 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**. Seção 1. N. 73. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=40371-port-243-18042016-pdf-1&category_slug=maio-2016-pdf&Itemid=30192

BRASIL, Ministério da Saúde. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília. **Ministério da Saúde**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

CENTER OF DISEASES CONTROL AND PREVENTION. **Autism prevalence higher, according to Data from 11 ADDM Communities**. United States, 2023. Disponível em: <https://www.cdc.gov/media/releases/2023/p0323-autism.html>

CHIOTE, F. A. B. A escolarização do aluno com autismo no Ensino Médio no contexto das políticas de educação especial no estado do Espírito Santo. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal do Espírito Santo. 248f. 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/6851>

COSTA. E. F; et al. Ciência ocupacional e terapia ocupacional: algumas reflexões. **Revista Brasileira de Terapia Ocupacional**. Rio de Janeiro. v.1. 650-663p.2017. DOI:10.47222/2526-3544.rpto9687

FREIRE, J. M. S.; NOGUEIRA, G. S. Considerações sobre a prevalência do autismo no Brasil: uma reflexão sobre inclusão e políticas públicas. **Revista Focos Interdisciplinary Studies**. v. 16. n. 3. p. 01-18. 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n3-009

GRANEHEIM, U. H.; LINDGRENA, B.; LUNDMANA, B. Methodological challenges in qualitative content analysis: A discussion paper. **Nurse Education Today**. v. 56. p. 29-34, 2017.

HAMMEL, K. W. Making choices from the choices we have: The contextual-embeddedness of occupational choice. **Canadian Journal of Occupational Therapy**. v. 87. n. 5. p. 400-411. 2020. DOI: 10.1177/0008417420965741

LEMOS, E. L. M. D.; SALOMÃO, N. M. R. Jovens com transtorno autista, suas mães e irmãos: vivências familiares e modelo bioecológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 38. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38312.pt>

LEVY, A.; PERRY, A. Outcomes in adolescents and adults with autism: a review of the literature. **Research in Autism Spectrum Disorders**. London, v. 5. n. 4, p. 1271-1282. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.rasd.2011.01.023>.

LIMA, S. M.; LAPLANE, A. L. F. Escolarização de alunos com autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v. 22, n. 2, p. 269-284. 2016.

MALERBA, V. B. Sexualidade no Transtorno do Espectro Autista: perspectivas do adolescente, de sua mãe e de seu pai. **Dissertação de Mestrado**. Universidade de São Paulo. 73f. 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-08022021-192641/publico/Resumida_Victor_de_Barros_Malerba.pdf

MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. O Ter e o Ser: Representações Sociais da Adolescência entre Adolescentes de Inserção Urbana e Rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 16. n. 3. p. 555-568, 2003.

MELLO, L. M. L. Autismo e sexualidade. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte. v. 25. n. 3. p. 1263-1273, 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 4. ed. São Paulo. Hulcitech Editora, 2014.

NUNES, S. Gonçalves da Silva. A Teoria do Apego e suas possíveis contribuições para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal do Pampa. 150f. 2021. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/bitstream/riu/6768/1/ShaianyGon%c3%a7alvesdaSilvaNunes2021.pdf>

OLIVEIRA, M. C. S. L.; PINTO, R. G.; SOUZA, A. S. Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. **Temas em Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia**. v. 11, n. 1, p. 16-27. 2003.

OLIVATI, A. G.; LEITE, L. P. Experiências Acadêmicas de Estudantes Universitários com Transtornos do Espectro Autista: uma Análise Interpretativa dos Relatos. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v.25, n.4, p.729-746, 2019.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Transtorno do Espectro Autista. **Organização Mundial de Saúde**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>

RAST, J.; ROUX, A.; SHATTUCK, P. Use of vocational rehabilitation supports for postsecondary education among transition-age youth on the autism spectrum. **Journal of Autism and Developmental Disorders**. 2019.

ROSA, F. D.; MATSUKURA, T. S.; SQUASSONI, C. E. Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA. **Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional**. São Carlos, v. 27, n. 2, p. 302-316, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1845>

SAAD, A. P. R.; BASTOS, P. R. H. O.; SOUZA, Geisa Alessandra Cavalcante. Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista: singularidades do desenvolvimento psicossocial. **Revista Educação Especial Santa Maria**. v. 33. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X41858>

SANTOS, L. M. M. O papel das famílias e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**. v. 10, n. 1, p. 57-66, 2005.

SANTOS, V.; ELIAS, N. C. Caracterização das matrículas dos alunos com Transtorno do Espectro do Autismo por regiões brasileiras. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília. v.24. n.4. p. 465-482. 2018.

SILVA, M. R.; PELISSARI, L. B.; STEIMBACH, Allan Andrei. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 39, n. 2, p. 403-417, 2013.

STEIN, M. A., STEIN, P. J. S. Beyond disability civil rights. **Hastings Law Journal**. v. 58, p. 1203–1240, 2006.

STRUNZ, S.; et al. Romantic relationships and relationship satisfaction among adults with asperger syndrome and high-functioning autism. **Journal of Clinical Psychology**. v. 0. p. 1–13, 2016.

TALARICO, M. V. T. S.; LAPLANE, A. L. F. Trajetórias escolares de alunos com transtorno do espectro. **Comunicações Piracicaba**. v. 23, n. 3. Número especial. p. 43-56. 2016.

TALARICO, M. V. T. S.; PEREIRA, A. C. S.; GOYOS, A. C. N. A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão bibliográfica. **Revista Educação Especial**. v. 32, 2019. DOI: A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão bibliográfica

TEIXEIRA, Kátia Batista da Silva; CASTRO, Rafael Fonseca. Vivências de pessoas com autismo que concluíram o Ensino Superior: uma investigação em Porto

Velho/RO. **Revista Educação Especial Santa Maria**. v. 36. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X70200>

WAISMAN-NITZAN, M.; GAL, E.; SCHREUER, N. "It's like a ramp for a person in a wheelchair": Workplace accessibility for employees with autism. **Research in Developmental Disabilities**. v. 114, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Diseases. ICD 11th revision**. Reference Guide. Genebra: OMS, 2022. Disponível em inglês em: <http://id.who.int/icd/entity/437815624>

Modalidade do artigo: Relato de pesquisa(X) Revisão de Literatura ()

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de transição da adolescência para a vida adulta é uma fase marcada por dúvidas e incertezas acerca de qual caminho trilhar, o que se assemelha às incertezas apresentadas pelos jovens participantes da pesquisa acerca de seu futuro.

Em meio a dúvidas e questionamentos, os/as jovens com TEA participantes da pesquisa apresentaram perspectivas ocupacionais de estudo e trabalho, sendo alguns com planejamentos mais elaborados e outros com planejamentos em construção.

As perspectivas apresentadas pelos/pelas jovens com TEA são influenciadas pelas vivências dessas pessoas, seja no seu contexto escolar, na qual pode ter ou não êxito, quanto no contexto familiar, com o apoio e influência materna.

Em relação as perspectivas dos relacionamentos amorosos, identificamos que os/as jovens com TEA apresentam insegurança e inabilidade social ao lidar com os pares.

As intervenções clínicas com esse público se pautam na aquisição de habilidades para autonomia e independência nas atividades de vida diária. A construção de amizades e abordagens em interações sociais são pouco exploradas por esse público, levando-os ao despreparo ao alcançarem a vida adulta, o que ocasiona insegurança e receio de iniciar um relacionamento amoroso por desconhecimento de si próprio e de seus pares.

Na mesma perspectiva relacional, foi observada grande dificuldade de acesso aos possíveis participantes. Os jovens com TEA apresentam uma dificuldade em iniciar e manter diálogo, ponto esse essencial para engajamento na pesquisa como participante, o qual necessitou da presença de um mediador para a construção de um diálogo: participante-pesquisadora.

A mãe é uma figura de segurança para os jovens para a construção desse diálogo, até que os jovens se sentissem seguros e confortáveis o suficiente para conseguirem continuar por si só. A pesquisadora foi uma figura desconhecida, nova, que pode ter causado um desconforto inicial.

Visto que na própria condição do TEA há a dificuldade nas interações sociais, talvez, se fosse utilizada outra metodologia como questionários com formulários online, pudesse conquistar mais participantes e mais conforto ao responderem as perguntas do estudo.

Vale ressaltar que se faz necessária a realização de mais estudos com os/as jovens com TEA, de modo que esses expressem seus desejos e interesses para auxiliar na construção de

políticas públicas mais eficazes pautadas nas reais necessidades da pessoa com TEA, fornecendo subsídios para as intervenções clínicas pelas equipes interdisciplinares.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA. M. E. G. G, PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**. v.15, n.2, p.173-184, 2008.
- AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. (2020). Occupational therapy practice framework: Domain and process (4th ed.). **American Journal of Occupational Therapy**, 74(Suppl. 2), 7412410010. <https://doi.org/10.5014/ajot.2020.74S2001>
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARAGÃO, J. Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. **Revista Práxis**. ano III. n. 6, p. 59-62, 2011.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. São Paulo: ABEP, 2021. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. Disponível em: <https://www.abep.org/criterio-brasil>
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE SÍNDROME DE ASPERGER-República Portuguesa. **Guia para a implementação do Plano Individual de Transição-PIT**. 2020.
- AUGUSTO. C. A. et al. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Revista de Economia e Sociologia Rural**. v. 51. n. 4, p. 745-764, 2014.
- AYDOS. V. Agência e subjetivação na gestão de pessoas com deficiência: A inclusão no mercado de trabalho de um jovem diagnosticado com autismo. **Horizontes Antropológicos**. v 22. n. 46, p. 329-358, 2016 DOI: 10.1590/S0104-71832016000200012
- BALDWIN. S, COSTLEY. D, WARREN. A. Employment Activities and Experiences of Adults with High-Functioning Autism and Asperger's Disorder. **Journal Autism and Developmental Disorders**. 2014.
- BARDIN. L. **Análise de Conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 5ed, 2022.
- BLACK. M. H, et al. Perspectives of Key Stakeholders on Employment of Autistic Adults across the United States, Australia, and Sweden. **International Society Autism Research**. p. 1-15. 2019.
- BRASIL. Lei nº13.861, de 18 de julho de 2019. Institui a inclusão das especificidades do transtorno do espectro autista nos censos demográficos. **Diário Oficial da União**. 198º da Independência e 131º da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113861.htm. Acesso em: 20 de março de 2023.
- BRASIL. Lei nº13.977, de 08 de janeiro de 2020. Institui a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Diário Oficial da União**. 199º da Independência

e 132º da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L13977.htm#art2. Acesso em: 20 de março de 2023.

BRASIL. Lei nº12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Diário Oficial da União**. 191º da Independência e 124º da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 20 de março de 2023.

BRASIL. Lei nº13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**. 194º da Independência e 127º da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 20 de março de 2023.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)**. Censo Escolar da Educação Básica 2022: Resumo Técnico. Brasília, 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília. Ministério da Saúde. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. Resolução CNE/CEB 2/2001. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. **Diário Oficial da União**. Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção 1E.

BRASIL. Lei nº8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. 170º da Independência e 103º da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18213cons.htm

CENTER OF DISEASES CONTROL AND PREVENTION. **Autism prevalence higher, according to Data from 11 ADDM Communities**. United States, 2023. Disponível em: <https://www.cdc.gov/media/releases/2023/p0323-autism.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

COSTA. E. F; et al. Ciência ocupacional e terapia ocupacional: algumas reflexões. **Revista Brasileira de Terapia Ocupacional**. Rio de Janeiro. v.1. 650-663p.2017. DOI:10.47222/2526-3544.rbto9687

FREIRE. J. M. S, NOGUEIRA. G. S. Considerações sobre a prevalência do autismo no Brasil: uma reflexão sobre inclusão e políticas públicas. **Revista Focos Interdisciplinary Studies**. v. 16. n. 3. p. 01-18. 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n3-009

GALLAGHER, M., PETTIGREW, J., MULDOON, O. Occupational choice of youth in a disadvantaged community. **British Journal of Occupational Therapy**, v. 78, p. 622–629, 2015.

GRANEHEIM. U. H, LINDGRENA. B, LUNDMANA. B. **Methodological challenges in qualitative content analysis: A discussion paper**. Nurse Education Today. v. 56. p. 29-34, 2017.

HAMMEL.K.W. Making Choices from the Choices we have: The Contextual-Embeddedness of Occupational Choice. **Canadian Journal of Occupational Therapy**. vol. 87(5). p. 400-411, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Censo 2022**. Acesso em 20 de março de 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/etapas/divulgacao-dos-resultados.html>.

MINAYO. M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 4. ed. São Paulo. Hulcitech Editora, 2014.

OLIVATI. A. G, LEITE. L. P. Experiências Acadêmicas de Estudantes Universitários com Transtornos do Espectro Autista: uma Análise Interpretativa dos Relatos. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v.25, n.4, p.729-746, 2019.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Transtorno do Espectro Autista**. Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

PAULA. C. S et al. Autism in Brazil-perspectives from Science and Society. **Revista da Associação Médica Brasileira**. v.57(1). 2-5p. 2011.

PAULA. C. S, RIBEIRO. S. H, FOMBONNE. E, MERCADANTE. M. T. Brief Report: Prevalence of Pervasive Developmental Disorder in Brazil: A Pilot Study. **Journal of Autism and Developmental Disorders**. v. 41. p. 1738-1742, 2011. DOI 10.1007/s10803-011-1200-6

RAST. J. E, ROUX. A. M, SHATTUCK. P. T. Use of Vocational Rehabilitation Supports for Postsecondary Education Among Transition-Age Youth on the Autism Spectrum. **Journal of Autism and Developmental Disorders**. 2019.

REDIG. A. G, MASCARO. C. A. A. C, GLAT. R. A vida pós-escola para a pessoa com deficiência intelectual: uma análise a partir de seus relatos. **RIAEE – Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**. v. 15, n. 4, p. 1824-1835, 2020.

ROSA. F. D, MATSUKURA. T. S, SQUASSONI. C. Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA. **Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional**. São Carlos, v. 27, n. 2, p. 302-316, 2019.

ROUX. A. M, SHATTUCK. P. T, RAST. J. E, RAVA. J. A, ANDERSON. K. A. National autism indicators report: Transition into Young adulthood. Philadelphia Drexel University A. J. **Drexel Autism Institute**. 2015.

STEIN, M. A., STEIN, P. J. S. Beyond disability civil rights. **Hastings Law Journal**. v. 58, p. 1203–1240, 2006.

WAISMAN-NITZAN. M, GAL. E, SCHREUER. N. “It’s like a ramp for a person in a wheelchair”: Workplace accessibility for employees with autism. **Research in Developmental Disabilities**. v. 114, 2021.

WANG. H. Y, BERG. C. Participation of Young Adults with High Functioning Autism in Taiwan: A Pilot Study. **OTJR: Occupation, Participation and Health**. v. 34. n. 1, 2014. DOI: 10.3928/15394492-20131209-01

WEHMAN. P, et al. Transition From School to Adulthood for Youth With Autism Spectrum Disorder: What We Know and What We Need to Know. **Journal of Disability Policy Studies**. v.25(1). 30-40 p. 2014. DOI: 10.1177/1044207313518071.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Diseases. ICD 11th revision**. Reference Guide. Geneva: OMS, 2022. Disponível em inglês em: <http://id.who.int/icd/entity/437815624>

ANEXO A

Classificação econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP)

SISTEMA DE PONTOS**Variáveis**

	0	Quantidade			
		1	2	3	4 ou +
Banheiros	0	3	7	10	14
Empregados domésticos	0	3	7	10	13
Automóveis	0	3	5	8	11
Microcomputador	0	3	6	8	11
Lava louca	0	3	6	6	6
Geladeira	0	2	3	5	5
Freezer	0	2	4	6	6
Lava roupa	0	2	4	6	6
DVD	0	1	3	4	6
Micro-ondas	0	2	4	4	4
Motocicleta	0	1	3	3	3
Secadora roupa	0	2	2	2	2

Grau de instrução do chefe de família e acesso a serviços públicos

Grau de instrução do chefe da família		
Analfabeto / Fundamental I incompleto	0	
Fundamental I completo / Fundamental II incompleto	1	
Fundamental II completo / Médio incompleto	2	
Médio completo / Superior incompleto	4	
Superior completo	7	
Serviços públicos		
	Não	Sim
Água encanada	0	4
Rua pavimentada	0	2

Cortes do Critério Brasil

Classe	Pontos
1 - A	45 - 100
2 - B1	38 - 44
3 - B2	29 - 37
4 - C1	23 - 28
5 - C2	17 - 22
6 - DE	0 - 16

ANEXO B

Parecer de aprovação da pesquisa pelo COEP.UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Título da Pesquisa:** PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM AUTISMO CONCLUINTES DO ENSINO MÉDIO**Pesquisador:** Adriana de França Drummond**Área Temática:****Versão:** 2**CAAE:** 61188622.4.0000.5149**Instituição Proponente:** Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 5.715.563**Apresentação do Projeto:**

Segundo os autores:

As ocupações estão carregadas de significados para um indivíduo e as suas escolhas ocorrem mediante as possibilidades que o seu contexto proporciona. As capacidades e habilidades de uma pessoa, pode influenciar as suas escolhas ocupacionais, como as pessoas com deficiência que apresentam limitações funcionais que impactam diretamente em suas vivências e possibilidades ocupacionais. O sujeito com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta déficit na comunicação e interação social em diversos contextos, podendo limitar as suas escolhas ocupacionais. A literatura sobre jovens com TEA apresenta uma lacuna sobre as perspectivas desse público após a vida escolar. O objetivo do estudo é compreender as perspectivas ocupacionais de jovens brasileiros com TEA concluintes do Ensino Médio. Neste estudo serão realizadas entrevistas semiestruturadas com os/as jovens concluintes do Ensino Médio diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista, utilizando-se um roteiro nas entrevistas semiestruturadas, os critérios de classificação econômica Brasil (ABEP, 2021) e o Role Checklist. Os resultados serão analisados à luz de análise de conteúdo de forma temática.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral do estudo é compreender as perspectivas ocupacionais, a curto e médio prazo, de jovens brasileiros e brasileiras com Transtorno do Espectro Autista concluintes do Ensino Médio.

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 - 2º. Andar - Sala 2005 - Campus Pampulha**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE**Telefone:** (31)3409-4592**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 5.715.583

Objetivo Secundário:

Investigar como os/as jovens com TEA entendem suas perspectivas ocupacionais; Compreender as perspectivas dos/das jovens com TEA sobre ingresso no mercado de trabalho, continuação de estudos, desempenho de atividades relacionadas às rotinas domésticas ou se há falta de perspectivas futuras; Compreender as relações de gêneros com as perspectivas ocupacionais de jovens com TEA; Verificar se há um planejamento e/ou preparação jovens com autismo para a vida após o período escolar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os autores:

Riscos:

Os riscos do estudo serão o contato com o pesquisador durante a pandemia do COVID-19 e o participante sentir desconforto diante de alguma pergunta durante a entrevista. Para minimização dos riscos, a pesquisadora levará máscara avulsa e álcool em gel, e o local será arejado mantendo distanciamento para prevenção do COVID-19. O participante poderá se retirar da pesquisa quando e se desejar, sem ônus.

Benefícios:

O estudo trará como benefícios uma melhor compreensão das percepções de jovens com autismo sobre o futuro, auxiliando profissionais que atuam no tratamento de pessoas com TEA na construção e identificação de atividades significativas para o indivíduo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para o corpo de conhecimento. As modificações sugeridas no parecer anterior foram adequadamente realizadas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram apresentados.

Recomendações:

Somos a favor, S.M.J., de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS**



Continuação do Parecer: 5.715.563

desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	TERMODEASSENTIMENTOLIVREEES CLARECIDO.pdf	14/10/2022 11:25:16	RUAN FABIO CABRAL VEIGA	Aceito
Outros	Projeto detalhado.pdf	14/10/2022 11:25:05	RUAN FABIO CABRAL VEIGA	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1990993.pdf	02/10/2022 20:20:53		Aceito
Outros	Carta_resposta_com_detalhamento.pdf	02/10/2022 20:20:11	Adriana de França Drummond	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	02/08/2022 20:44:15	Adriana de França Drummond	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	02/08/2022 20:09:56	Adriana de França Drummond	Aceito
Parecer Anterior	Parecer_projeto.pdf	02/08/2022 19:44:06	Adriana de França Drummond	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	02/08/2022 19:43:00	Adriana de França Drummond	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 21 de Outubro de 2022

**Assinado por:
Crissia Carem Paiva Fontalnia
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

APÊNDICE A

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012

Olá! Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **“Perspectivas ocupacionais de jovens com autismo concluintes do Ensino”**. O estudo desenvolvido pela aluna do curso de Mestrado em Estudos da Ocupação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Isabela Corrêa Borges, sob a orientação da professora do Programa de Pós-graduação Estudos da Ocupação, Adriana de França Drummond. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG- com número de parecer 5.715.563 e CAAE 61188622.4.0000.5149).

O objetivo dessa pesquisa é conhecer as perspectivas ocupacionais de jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA)concluintes do ensino médio. A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista com um roteiro de perguntas sobre as ocupações que você pretende ter após o ensino médio e dados socioeconômicos. aplicado pela responsável do estudo.

As informações fornecidas por você serão utilizadas somente para esse estudo e pesquisa científica pela UFMG, não sendo divulgadas e/ou compartilhadas para qualquer outra finalidade. Os dados e informações coletas serão mantidas em sigilo e armazenadas por um período de dez anos nos arquivos da pesquisadora.

O horário da entrevista e a aplicação do questionário socioeconômico será combinado com você, de acordo com a sua disponibilidade e contará com a presença dos seus pais. Se você concordar, a entrevista será gravada com um gravador de voz para fim de transcrição e análise das informações. Caso você não concorde, não haverá nenhum prejuízo para você.

Os riscos do estudo serão o contato com o pesquisador durante a pandemia do COVID-19 e você sentir desconforto diante de alguma pergunta durante a entrevista. Serão seguidos os protocolos de biossegurança da Prefeitura de Belo Horizonte e da Universidade Federal de Minas Gerais, na qual será utilizado máscara durante toda a entrevista. A pesquisadora levará máscara avulsa e álcool em gel, e o local será arejado mantendo distanciamento para prevenção do COVID-19. Caso você e/ou seu familiar apresentem sintomas gripais, haverá a remarcação, sem ônus.

O estudo trará como benefícios uma melhor compreensão das percepções de jovens com autismo sobre o futuro, auxiliando profissionais que atuam no tratamento de pessoas com TEA na construção e identificação de atividades significativas para o indivíduo. A participação no estudo é voluntária, você não terá custos e poderá se retirar do estudo se e quando desejar.

Rubrica do Participante

Rubrica dos Pais

Rubrica do Pesquisador

Você receberá uma via deste documento e poderá obter qualquer informação deste estudo com os pesquisadores ou com o Comitê de Ética em pesquisa da UFMG. Estaremos à

disposição para responder perguntas ou prestar esclarecimentos sobre o andamento do trabalho. Caso você concorde em participar do estudo, por favor, assine no espaço indicado abaixo.

Eu _____ aceito participar da pesquisa **“Perspectivas ocupacionais de jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA) concluintes do Ensino Médio”**, que tem o objetivo de conhecer as perspectivas que os jovens com TEA possuem de sua vida, sua visão.

Declaro que compreendi os riscos e benefícios de minha participação no estudo, sendo essa a minha participação voluntária, podendo me retirar quando desejar sem qualquer custo. Caso haja algum dano proveniente da pesquisa, você poderá buscar indenização nos termos da resolução 466/12.

Assinatura do participante

Assinatura dos pais e/ou responsáveis legais

Assinatura do Pesquisador

Pesquisadoras: Adriana de França Drummond pelo e-mail drummond@ufmg.br.

Isabela Corrêa Borges pelo e-mail isabela.cb95@gmail.com.

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) / UFMG:

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa no 2 ° andar, sala 2005.

CEP: 31.270-901, Belo Horizonte, Minas gerais. Ou pelo telefone de contato (31) 3409-4592 e e-mail coep@prpq.ufmg.br.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012

Prezado pai, mãe e/ou responsável legal, você está sendo convidado para participar da pesquisa **“Perspectivas ocupacionais de jovens com autismo concluintes do Ensino Médio”**. O estudo desenvolvido pela aluna do curso de Mestrado em Estudos da Ocupação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Isabela Corrêa Borges, sob a orientação da professora do Programa de Pós-graduação Estudos da Ocupação, Adriana de França Drummond. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG- com número de parecer 5.715.563 e CAAE 61188622.4.0000.5149).

O objetivo dessa pesquisa é conhecer as perspectivas ocupacionais de jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA) concluintes do ensino médio. A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista com um roteiro de perguntas sobre as ocupações que o seu(sua) filho(a) pretende ter após o ensino médio e sobre dados socioeconômicos aplicado pela responsável do estudo.

As informações fornecidas pelo seu(sua) filho(a) serão utilizadas somente para esse estudo e pesquisa científica pela UFMG, não sendo divulgadas e/ou compartilhadas para qualquer outra finalidade. Os dados e informações coletas serão mantidas em sigilo e armazenadas por um período de dez anos nos arquivos da pesquisadora.

O horário da entrevista e a aplicação do questionário socioeconômico será combinado com vocês, de acordo com a suas disponibilidades e contará com a sua presença. Se você concordar, a entrevista será gravada com um gravador de voz para fim de transcrição e análise das informações. Caso você não concorde, não haverá nenhum prejuízo para você.

Os riscos do estudo serão o contato com o pesquisador durante a pandemia do COVID-19 e você e/ou o/a seu filho/filha sentir desconforto diante de alguma pergunta durante a entrevista. Serão seguidos os protocolos de biossegurança da Prefeitura de Belo Horizonte e da Universidade Federal de Minas Gerais, na qual será utilizado máscara durante toda a entrevista. A pesquisadora levará máscara avulsa e álcool em gel, e o local será arejado mantendo distanciamento para prevenção do COVID-19. Caso você e seu(sua) filho(a) apresentem sintomas gripais, haverá a remarcação, sem ônus.

O estudo trará como benefícios uma melhor compreensão das percepções de jovens com autismo sobre o futuro, auxiliando profissionais que atuam no tratamento de pessoas com TEA na construção e identificação de atividades significativas para o indivíduo. A participação no estudo é voluntária, vocês não terão custos e poderão se retirar do estudo se e quando desejarem.

Rubrica dos Pais

Rubrica do Pesquisador

Você receberá uma via deste documento e poderá obter qualquer informação deste estudo com os pesquisadores ou com o Comitê de Ética em pesquisa da UFMG. Estaremos à

disposição para responder perguntas ou prestar esclarecimentos sobre o andamento do trabalho. Caso você concorde em autorizar a participação de seu filho (a) no estudo, por favor, assine no espaço indicado abaixo.

Eu, _____ portador do RG _____, fui devidamente esclarecido em relação do projeto de pesquisa **“Percepções de jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA) concluintes do Ensino Médio”** e autorizo a participação do meu (minha) filho (a) _____, portador (a) do RG _____.

Declaro que estou ciente que a participação na pesquisa é voluntária, não acarretará ônus e/ou remuneração. Estou ciente de que posso interromper e me retirar da pesquisa se e quando desejar, sem ônus e/ou represália. Caso haja algum dano proveniente da pesquisa, você e seu filho/filha poderão buscar indenização nos termos da resolução 466/12.

Assinatura do participante

Assinatura dos pais e/ou responsáveis legais

Assinatura do Pesquisador

Pesquisadoras: Adriana de França Drummond pelo e-mail drummond@ufmg.br.

Isabela Corrêa Borges pelo e-mail isabela.cb95@gmail.com.

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) / UFMG:

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa no 2 ° andar, sala 2005.

CEP: 31.270-901, Belo Horizonte, Minas gerais. Ou pelo telefone de contato (31) 3409-4592

e e-mail coep@prpq.ufmg.br.

APÊNCICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012

Prezado (a), você está sendo convidado para participar da pesquisa “**Perspectivas ocupacionais de jovens com autismo concluintes do Ensino**”. O estudo desenvolvido pela aluna do curso de Mestrado em Estudos da Ocupação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Isabela Corrêa Borges, sob a orientação da professora do Programa de Pós-graduação Estudos da Ocupação, Adriana de França Drummond. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG- com número de parecer 5.715.563 e CAAE 61188622.4.0000.5149).

O objetivo dessa pesquisa é conhecer as perspectivas ocupacionais de jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA)concluintes do ensino médio. A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista com um roteiro de perguntas sobre as ocupações que você pretende ter após o ensino médio e sobre dados socioeconômicos aplicado pela responsável do estudo.

As informações fornecidas por você serão utilizadas somente para esse estudo e pesquisa científica pela UFMG, não sendo divulgadas e/ou compartilhadas para qualquer outra finalidade. Os dados e informações coletas serão mantidas em sigilo e armazenadas por um período de dez anos nos arquivos da pesquisadora.

O horário da entrevista será combinado com você, de acordo com a sua disponibilidade. Se você concordar, a entrevista será gravada com um gravador de voz para fim de transcrição e análise das informações. Caso você não concorde, não haverá nenhum prejuízo para você.

Os riscos do estudo serão o contato com o pesquisador durante a pandemia do COVID-19 e você sentir desconforto diante de alguma pergunta durante a entrevista. Serão seguidos os protocolos de biossegurança da Prefeitura de Belo Horizonte e da Universidade Federal de Minas Gerais, na qual será utilizado máscara durante toda a entrevista. A pesquisadora levará máscara avulsa e álcool em gel, e o local será arejado mantendo distanciamento para prevenção do COVID-19. Caso você e/ou seu familiar apresentem sintomas gripais, haverá a remarcação, sem ônus.

O estudo trará como benefícios uma melhor compreensão das percepções de jovens com autismo sobre o futuro, auxiliando profissionais que atuam no tratamento de pessoas com TEA na construção e identificação de atividades significativas para o indivíduo. A participação no estudo é voluntária, você não terá custo e este poderá se retirar do estudo se e quando desejar.

Rubrica do Participante

Rubrica do Pesquisador

Você receberá uma via deste documento e poderá obter qualquer informação deste estudo com os pesquisadores ou com o Comitê de Ética em pesquisa da UFMG. Estaremos à

disposição para responder perguntas ou prestar esclarecimentos sobre o andamento do trabalho. Caso você concorde em participar do estudo, por favor, assine no espaço indicado abaixo.

Eu, _____ portador do RG _____, fui devidamente esclarecido em relação do projeto de pesquisa

“Percepções de jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA) concluintes do Ensino Médio sobre perspectivas ocupacionais” e autorizo a minha participação.

Declaro que estou ciente que a participação na pesquisa é voluntária, não acarretará ônus e/ou remuneração. Estou ciente de que posso interromper e me retirar da pesquisa se e quando desejar, sem ônus e/ou represália. Caso haja algum dano proveniente da pesquisa, você poderá buscar indenização nos termos da resolução 466/12.

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador

Pesquisadoras: Adriana de França Drummond pelo e-mail drummond@ufmg.br.

Isabela Corrêa Borges pelo e-mail isabela.cb95@gmail.com.

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) / UFMG:

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa no 2 ° andar, sala 2005.

CEP: 31.270-901, Belo Horizonte, Minas gerais. Ou pelo telefone de contato (31) 3409-4592

e e-mail coep@prpq.ufmg.br.

APÊNDICE D

ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA

Nome: _____

Identidade de gênero: () Feminino () Masculino

Idade: _____

Estado civil: () Solteiro(a) () Casado(a) () União Estável

Idade em que recebeu o diagnóstico: _____

Possui alguma comorbidade diagnosticada? Se sim, qual?

Faz acompanhamento com algum profissional? Se sim, qual profissional? Desde quando? _____ Escola

em que frequenta/frequentou:

Escola: () Privada () Municipal () Estadual () Federal

Já concluiu o Ensino Médio? _____ Como

concluiu o Ensino Médio? Ensino regular? _____ Como

está sendo ou foi o seu percurso escolar? _____ Você

fez algum plano após a conclusão do Ensino Médio? Se sim, quais? _____

Você pensa em trabalhar? Se sim, com o quê, aonde? _____

Você pensa em continuar os estudos? Se sim, explique. Como, aonde, o que? _____

Você planeja fazer algo mais? _____

Sobre namoro, o que você tem a dizer? _____

Caso não tenha nenhuma perspectiva ocupacional, atribui a quê?

Prevê

dificuldades? Se sente preparado/a? O que vem fazendo para alcançar esses objetivos?
